



Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Gestão Escolar

A IMPORTÂNCIA DO REAGRUPAMENTO NO BIA

Ana Carolina de Azevedo Oliveira Santos

Professor-orientador Dr. Erisevelton Silva Lima
Professora monitora-orientadora Mestre Silêda Maria Holanda de Sousa Almeida

Brasília (DF), 26 de Julho de 2014

Ana Carolina de Azevedo Oliveira Santos

A IMPORTÂNCIA DO REAGRUPAMENTO NO BIA

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação do Professor-orientador Dr Erisevelton Silva Lima e da Professora monitora-orientadora Mestre Silêda Maria Holanda de Sousa Almeida.

TERMO DE APROVAÇÃO

Ana Carolina de Azevedo Oliveira Santos

A IMPORTÂNCIA DO REAGRUPAMENTO NO BIA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar pela seguinte banca examinadora:

Dr Erisevelton Silva Lima -
UnB/SEDF

(Professora-orientadora)

Mestre Silêda Maria Holanda de Sousa Almeida –
UnB/SEDF

(Monitora-orientadora)

Profa. Mestre Abigail do Carmo Levino de Oliveira – UnB/SEDF
(Examinadora externa)

Brasília, 26 de julho de 2014

DEDICATÓRIA

A Deus, por tudo que sou e por mais esta conquista.
A minha mãe, Antonia, pelos ensinamentos de vida e dedicação.
Ao meu marido, Luiz Claudio, pela paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir mais esta etapa, e espero não parar por aqui, foram muitas as pessoas que contribuíram para a conclusão desta pós-graduação à distância na UnB. E a todos vocês os meus sinceros agradecimentos:

A Deus, porque sem Ele nada seria possível!

Ao meu marido, Luiz Claudio, pelo companheirismo e palavras de motivação nas conversas sobre o meu tema e andamento da pesquisa.

A minha mãe, Antonia, pelos simples ensinamentos de vida e por me auxiliar nos cuidados com meu filho, Andre Luiz, enquanto eu estudava.

A professora tutora das disciplinas desta pós-graduação, Verinez Carlota, pela paciência e motivação no período de orientação das tarefas do curso.

A professora Sileda, tutora e orientadora na construção da monografia, pelos esclarecimentos no decorrer de todo este processo. E também ao professor Erisevelton, pois embora o curso tenha sido na modalidade EaD, tive a oportunidade de assistir a uma de suas palestras na SEDF e foi muito esclarecedora para o meu progresso na aprendizagem sobre o tema.

A gestão e aos professores participantes desta pesquisa pela presteza e contribuição com o meu trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral avaliar a importância do reagrupamento nos anos iniciais da alfabetização no processo ensino e aprendizagem por meio da observação e questionamento juntos aos professores que atuam nesta etapa do ensino fundamental. Para tanto, buscou-se três objetivos específicos: compreender as diferentes estruturas de organização do ensino no Brasil; bem como analisar a estratégia didática de ensino com reagrupamentos e sua relevância no processo inicial de alfabetização dos alunos, além de verificar a importância da utilização do reagrupamento nos anos iniciais da alfabetização. Diante disso, a pesquisa foi basicamente baseada nos documentos oficiais que conceituam e auxiliam na compreensão dos fundamentos BIA, bem como sobre o funcionamento da educação no Brasil e no Distrito Federal além dos teóricos Mainardes (2007, 2008 e 2009), Moraes (2006), Libâneo (2006), Perrenoud (2006), Leal (2004), Cruz e Albuquerque (2007), dentre outros. Na metodologia utilizou-se a pesquisa qualitativa e de campo. Os sujeitos da pesquisa foram os professores alfabetizadores de uma escola pública situada no Paranoá, DF. O instrumento utilizado para coletar os dados foi o questionário com questões objetivas e subjetivas, sendo que das respostas colhidas, fez-se a análise de conteúdo em paralelo com os teóricos que fundamentam este trabalho. Concluiu-se com esta pesquisa que o reagrupamento além de contribuir para a apropriação do conhecimento é importante em função de proporcionar a aplicação de tarefas de sala diferentes, considerando os graus de aprendizagens dos alunos para a progressão no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Escola seriada. Escola em ciclos. Reagrupamento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	13
1.1. APRESENTAÇÃO.....	13
1.2. ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA SERIADA.....	15
1.3. ORGANIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO EM CICLOS.....	16
2. EDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL.....	20
2.1. APRESENTAÇÃO.....	20
2.2. ORGANIZAÇÃO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO-BIA.....	21
2.3. A IMPORTÂNCIA DO REAGRUPAMENTO.....	23
2.3.1. REAGRUPAMENTO INTRACLASSE.....	25
2.3.2. REAGRUPAMENTO INTERCLASSE.....	26
3. METODOLOGIA.....	28
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	28
3.2. SUJEITOS DA PESQUISA.....	29
3.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	30
3.4. ANÁLISE DE DADOS.....	31
4. CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1. Estrutura do Sistema Educacional Brasileiro após a Nova LDBEN.....	14
Tabela 1.2. Estrutura do Sistema Educacional Brasileiro Após a Lei nº 11.274/06.....	14
Tabela 3.1. Realização de Reagrupamentos em 2014.....	33
Tabela 3.2 Importância do Reagrupamento nos Anos Iniciais da Alfabetização.....	36
Tabela 3.3 Avaliação dos Resultados do Reagrupamento no Processo de Alfabetização.....	36

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 2.1. Implantação do Ensino Fundamental de Nove anos no DF	20
Quadro 2.2. Organização do Ensino Fundamental de Nove anos no DF	21
Figura 3.1. Descrição das Etapas Metodológicas	28
Figura 3.2. Preferência por Modalidade de Reagrupamento.....	32

INTRODUÇÃO

A estrutura de ensino no Distrito Federal, assim como na maioria dos Estados Brasileiros é seriada, em que as crianças devem freqüentar a escola obrigatoriamente a partir dos 6 anos, embora haja adesão a escola ciclada nos anos iniciais do ensino fundamental. Entretanto, discuti-se atualmente na capital do país a implantação da Escola em Ciclos, sendo que já existem escolas que aderiram a tal projeto enquanto outras ainda debatem o tema e aguardam por decisão sobre a escolha da proposta educacional para o próximo ano letivo.

Entretanto, é possível perceber a existência de dúvidas e o receio com a mudança na alteração da organização do ensino, uma vez que a mesma ainda é desconhecida em sua totalidade por professores, por membros da comunidade escolar, pais e alunos, que não compreendem o porquê da mudança e quais os benefícios que terão com a implantação da Escola em Ciclos.

Assim, a implantação da Escola em Ciclos é tema de grandes discussões nas escolas, entre os profissionais da área, especialistas e outros, uma vez que ainda não é comum e convincente o discurso daqueles que defendem esta proposta educacional em detrimento da Escola Seriada, a qual tem sofrido inúmeras críticas, principalmente relacionadas aos números que demonstram altos índices de evasão escolar, fracasso escolar, repetência e claro, o sucesso de poucos que conseguem ingressar e concluir o Ensino Superior.

Destarte, ainda não estão todos convictos de que a mudança na organização de ensino da Escola Seriada pela Escola em Ciclos seja realmente necessária e eficaz, entretanto, independente do tipo de organização de ensino adotada por cada escola, o intuito deste trabalho é discutir sobre uma das possibilidades de intervenção no processo de ensino-aprendizagem, já que a apropriação do conhecimento não ocorre simultaneamente com todos os alunos, embora sejam observadas práticas docentes que acreditam em tal acontecimento. Assim, esta pesquisa parte do pressuposto de que o professor necessita intermediar de modo diferente no processo de ensino, de acordo com os níveis de aprendizagens apresentados por seus alunos, após uma avaliação diagnóstica inicial de aprendizagem da turma.

Com isso faz-se necessário estudos que tragam novos conhecimentos, discussões, experiências e esclarecimentos a respeito da organização da educação em ciclos, assim como sobre as propostas de intervenções na aprendizagem dos alunos que estão em processo de

alfabetização, e que esta nova forma de organização de ensino propõe para que todos os alunos se apropriem do conhecimento, sendo este último o objeto de estudo desta pesquisa. Portanto, a questão de pesquisa é: A prática do reagrupamento em sala de aula é importante nos anos iniciais da alfabetização?

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é verificar a importância do reagrupamento nos anos iniciais do ensino fundamental no Distrito Federal, sendo este caracterizado como um princípio teórico-metodológico da educação em ciclos no BIA- Bloco Inicial de Alfabetização -, mas também adotado nos demais anos do ensino fundamental, cujo ensino é seriado, e para isso outros objetivos específicos foram listados, dentre eles:

- ✓ Compreender as diferentes estruturas de organização do ensino no Brasil;
- ✓ Analisar a estratégia didática de ensino com reagrupamentos e sua relevância no processo inicial de alfabetização dos alunos.
- ✓ Verificar a importância da utilização do reagrupamento nos anos iniciais da alfabetização.

Deste modo, o estudo foi elaborado a partir da hipótese de que o trabalho com o reagrupamento nos anos iniciais do ensino fundamental, período em que a criança está em processo de alfabetização é importante, já que por meio dele é possível propor tarefas diferentes em sala de aula, sem desconsiderar o conteúdo e/ou as atividades que requerem atenção em comum da classe, por considerar os diferentes graus apresentados pelos alunos para a progressão na aprendizagem.

Assim, foi selecionada uma escola classe da área urbana do Paranoá – DF para participar desta pesquisa em função de ser uma das maiores escolas classes desta cidade e, conseqüentemente, por conter um número significativo de turmas de 1º ao 3º ano do ensino fundamental, já que este é o público alvo deste trabalho, além de contribuir com a participação dos professores ao responder os questionários sobre a importância do reagrupamento nos anos iniciais da alfabetização.

Diante do exposto, o estudo foi dividido em três capítulos, além da introdução, conclusão e referências, sendo que no primeiro capítulo, foram abordadas as características

gerais referente ao sistema de educação no Brasil, em especial sobre as diferentes formas de organização da educação em séries e em ciclos.

Posteriormente, no segundo capítulo, serão elucidadas as características gerais e a relevância do reagrupamento, segundo as diretrizes pedagógicas do BIA, propostas pela SEDF. Ainda neste capítulo será abordado sobre a questão do reagrupamento intraclasse e o interclasse, bem como os aspectos positivos e os desafios de trabalhar com este princípio teórico-metodológico.

O terceiro capítulo traz informações a respeito da metodologia de pesquisa adotada, bem como a informação referente ao tipo de pesquisa, sujeitos da pesquisa, bem como sobre os instrumentos necessários para a coleta de dados e suas devidas análises.

Para finalizar são feitas as conclusões e recomendações a respeito do tema de pesquisa, bem como a retomada dos objetivos que deram início a este trabalho a fim de verificar se os mesmos foram alcançados.

1. EDUCAÇÃO NO BRASIL

1.1. APRESENTAÇÃO

A educação escolar brasileira atualmente é dividida em nível básico e nível superior, sendo que o nível básico é subdividido em três etapas: i) educação infantil, ii) ensino fundamental, iii) ensino médio e em três modalidades de ensino: i) educação especial, ii) educação de jovens e adultos e iii) educação profissional (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9394/96), mas para chegar a esse modelo existente atualmente, o país passou por várias mudanças decorrentes de sua história que não serão abordadas neste trabalho.

Destarte, o que se tem na atualidade são diferentes diretrizes para definir os objetivos e regulamentar a educação no país, sendo previsto na Constituição Federal de 1988-CF/88 como direito social, dentre outros, como saúde, alimentação, trabalho, moradia, lazer e cujo objetivo consiste no “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O sistema educacional brasileiro é de responsabilidade do Ministério da Educação – MEC e conta com a LDBEN N ° 9.394/96 para regulamentar a educação no Brasil, e esta é por sua vez, complementada por diferentes planos para orientar o funcionamento da educação no país, como o Plano Nacional da Educação – PNE, que estabelece metas qualitativas e quantitativas gerais a serem alcançadas pelo sistema de ensino e com o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, o qual concretiza as diretrizes estabelecidas pelo PNE, dentre as quais está a meta de melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb - até 2021, a meta é atingir nota 6,0, a mesma dos países desenvolvidos (SILVA, 2009) .

Após a aprovação da atual LDBEN (Lei nº 9.394/96), a organização e a denominação do sistema escolar foi alterada, de acordo com a Tabela 1.1. apresentada a seguir.

Tabela 1.1 Estrutura do Sistema Educacional Brasileiro Após a Nova LDB.

Níveis e Subdivisões		Duração	Faixa Etária	
Educação Básica	Educação Infantil	Creche	4 anos	0 a 3 anos
		Pré-escola	3 anos	de 4 a 6 anos
	Ensino Fundamental		8 anos	7 a 14 anos
	Ensino Médio		3 anos	de 15 a 17 anos
Educação Superior	Ensino Superior		Variável	Após 17 anos

Fonte: Lei nº 9.394/96.

Portanto, o atendimento de 0 a 3 anos (creches) e de 4 a 6 anos (pré-escola) passou a ser chamado de Educação Infantil. Os antigos 1º e 2º graus passaram à denominação Ensino Fundamental e Ensino Médio, respectivamente. A nova LDBEN, nº 9394/96 reduziu a dois os níveis de educação escolar: o da educação básica (composta por educação infantil, ensino fundamental e médio), e a educação superior. Também foi instituída a educação profissional como modalidade de ensino articulada com esses níveis, embora a admita, como habilitação profissional, nos próprios estabelecimentos de ensino médio ou em cooperação com instituições especializadas em educação profissional, podendo ser cursada concomitantemente com o ensino médio ou após a conclusão do mesmo. Outras modalidades de ensino ganharam especificidade dentro da nova forma de organização, como a educação especial, a educação à distância e a educação indígena (SILVA, 2009).

Enfim, com a Lei nº 11.274/06, o ensino fundamental foi ampliado para nove anos, antecipando a obrigação de efetivar a matrícula de todas as crianças aos 6 anos de idade, como já é feito em diversos países. Desse modo, a organização da atual estrutura de ensino é apresentada a seguir na tabela 1.2, em que percebe-se que o Ensino Fundamental foi dividido em Anos Iniciais e Anos Finais.

Tabela 1.2: Estrutura do Sistema Educacional Brasileiro Após a Lei nº 11.274/06.

Níveis e Subdivisões		Duração	Faixa Etária	
Educação Básica	Educação Infantil	Creche	4 anos	0 a 3 anos
		Pré-escola	3 anos	de 4 a 5 anos
	Ensino Fundamental (obrigatório)	Anos Iniciais	5 anos	de 6 a 10 anos
		Anos Finais	4 anos	de 11 a 14 anos
Ensino Médio		3 anos	de 15 a 17 anos	
Educação Superior	Ensino Superior		Variável	acima de 17 anos

Fonte: Lei nº 11.274/06.

Atualmente discute-se no país a educação em ciclos substituindo a escola seriada apresentada até aqui, e que é o modelo de organização escolar adotado para a maioria das escolas brasileiras. Esta modalidade de ensino será discutida posteriormente, após breves considerações acerca da organização escolar seriada.

1.2. Organização da Escola Seriada

De acordo com a LDBEN nº 9394/96 é facultativo a opção quanto à forma da organização escolar em séries anuais, além de outras formas como grupos não seriados, os ciclos, entre outros, desde que estejam de acordo com o interesse do processo de ensino e que estas formas de organização escolar se relacionem quanto ao espaço escolar, ao tempo destinado ao ensino e também ao processo de avaliação. Ou seja, é a garantia de flexibilização, descentralização e desregulamentação dos sistemas de ensino no país.

Destarte, o que orienta a organização escolar seriada é:

Aquisição dos conhecimentos, historicamente acumulados, concebidos como seqüenciais e não articulados. O conhecimento é ordenado, segundo os graus de dificuldades, em conteúdos escolares, que se constituem nos programas de ensino de cada série escolar. Os programas são desenvolvidos em forma de planos de curso a serem lecionados pelos professores, durante o ano letivo. Nessa forma de organização escolar, os alunos são agrupados em séries, geralmente anuais, segundo seu nível de domínio dos conhecimentos dos conteúdos escolares. O sistema de avaliação da aprendizagem na organização seriada é, geralmente, a progressão regular por séries, prevendo a verificação do rendimento escolar, tanto ao longo do ano letivo, como ao seu final, quando os alunos devem comprovar as aprendizagens através dos exames e provas. Os que não logram êxito nas avaliações são retidos e devem repetir as séries já cursadas. (AUGUSTO 2010, p. 1).

Tal afirmativa é de fato verídica, e nos proporciona a reflexão da organização escolar que freqüentamos e que ainda está presente em diversas instituições de ensino do país. Ou seja, a escola despeja sobre o aluno muitos conteúdos, centralizada no papel do professor, sem que haja a análise crítica sobre os conteúdos e a própria contextualização com o cotidiano e realidade vivida pelos estudantes. Assim, a organização escolar seriada está mais voltada para transmissão de conhecimentos e de aquisição de habilidades, numa perspectiva pedagógica mais tradicional (RODRIGUES, 2001).

Outro fator importante a ser mencionado são os danos a autoestima causados pela reprovação nos estudantes, o que conseqüentemente gera a evasão e infrequencia escolar, além dos aspectos de discriminação entre os próprios colegas de classe. Também ressalta-se a evidência da baixa qualidade do ensino, eleva a distorção idade/serie e puni principalmente, estudantes com menor renda, em função de um sistema de avaliação quantitativo e cumulativo de pontos, já pré definidos pelas instituições de ensino.

Assim, a educação seriada, é entendida como um processo de transmissão, recepção e avaliação dos conhecimentos e habilidades do aluno, de tal modo que, a retenção dos conteúdos, é segundo Rodrigues (2001) parte de uma metodologia fragmentada em disciplinas descontextualizadas e estanques.

Entretanto, é possível perceber em nosso cotidiano escolar que a maioria dos profissionais da educação aceitam melhor esta forma de organização escolar em detrimento da organização em ciclos, mesmo quando diferentes estudos e aplicação dos ciclos nos anos iniciais do ensino fundamental no Distrito Federal, e outras cidades/estados brasileiros, apontam para melhores índices na qualidade do ensino e redução da evasão escolar.

Assim, o próximo item discute brevemente a concepção da organização escolar em ciclos, a qual já vem sendo aplicada nas escolas do Distrito Federal, bem como em outras cidades brasileiras, com o intuito de apresentar e compreende-la, sem com isso encerrar os debates sobre o tema.

1.3. Organização da Educação em Ciclos

A flexibilização da seriação é um processo que surgiu em vários estados e municípios brasileiros desde a década de 1980 com o intuito de trabalhar o currículo por um período maior de tempo e que permitisse alcançar os diferentes ritmos de aprendizagens dos alunos (PCNs, 1996). Assim, a seriação abre espaço para implantação do ciclo básico que tem como característica principal a progressão continuada nos primeiros anos de alfabetização e combater os índices relativos à evasão escolar e a repetência.

Destarte, cabe ressaltar o discurso de Mainardes (2009, p.1) sobre o significado da nova forma de organização escolar em ciclos:

O termo “ciclos” vem sendo utilizado no Brasil e em outros países para designar uma forma de organização da escolaridade que pretende superar o modelo da escola graduada, organizada em séries anuais e que classifica os estudantes durante todo processo de escolarização. Com essa nova forma de organização, os anos da escolaridade obrigatória são divididos em ciclos de 2, 3 ou 4 anos. A reprovação é possível apenas no final de cada ciclo e, em algumas experiências, ela é totalmente eliminada e substituída por outras formas de progressão dos alunos. As experiências e discussões sobre a escola em ciclos são encontradas em diferentes países, principalmente naqueles que, historicamente, têm adotado o sistema seriado e a reprovação anual, como por exemplo, Canadá (Québec), França, Suíça, Bélgica (comunidade francesa), Portugal, Espanha, Brasil, Colômbia, entre outros.

O Distrito Federal experimentou na década de 1960 a política de não-retenção quando dividiu o ensino primário em três fases, sendo que para o aluno avançar para segunda fase era necessário concluir o processo de alfabetização (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012). Mas a adesão ao sistema de ciclos denominado de CBA - Ciclo Básico de Alfabetização – pelos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná ocorre na década de 1980 e posteriormente, em 1985 no Distrito Federal por meio dos projetos ABC (1984), CBA (1985) e Escola Candanga em 1997 (MAINARDES, 2007; TOLENTINO, 1997).

Assim, a ideia da escola em ciclos é possibilitar um ambiente democrático, não seletivo e excludente, que garanta os direitos de aprendizagens e a permanência dos estudantes na escola e para isso destaca-se a fala de Arroyo (2003) em que o mesmo defende que é função da escola e de toda instituição escolar dar conta do desenvolvimento pleno do seu aluno.

Segundo Mainardes (2009), a organização escolar em ciclos é classificada em diferentes modalidades: Ciclos de formação, Ciclos de aprendizagens, Regime de progressão continuada, Bloco inicial de alfabetização, entre outros, sendo que em cada uma destas modalidades, os ciclos são reformulados ou recontextualizados de acordo com a proposta de cada unidade de ensino.

O autor supracitado explica que a diferença entre tais modalidades de ciclos está na própria estrutura de organização do trabalho de cada uma, já que o Ciclo de aprendizagem propõe que o tempo de trabalho seja de dois ou três anos de duração e ao fim deste período

aplica-se a retenção para o aluno que não atingir os objetivos do ciclo; e o Ciclo de formação trabalha a questão humana e prevê mudança mais radical ao adotar a não retenção no decorrer de todo o ensino fundamental. Na Progressão continuada, a escola continua seriada, porém elimina-se a reprovação em algumas séries. Quanto ao Bloco inicial de alfabetização trata-se de uma modalidade de ciclo de aprendizagem, a qual será discutida em detalhes no próximo capítulo (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

Além de discutir o significado e as diferentes modalidades de organização em ciclos é importante destacar os princípios que norteiam esta nova forma de trabalho pedagógico das unidades de ensino para que políticas externas e alheias ao ambiente escolar não confundam e distorçam a real proposta de trabalho da escola em ciclos. Estes princípios na visão de Mainardes (2009, p. 3), são:

- a) a garantia da continuidade e progressão da aprendizagem, entendida como um processo contínuo que dispensaria a reprovação ou interrupções desnecessárias;
- b) a reprovação e os degressos anuais (séries convencionais) devem ser substituídos pela progressão continuada dos alunos. Em alguns países, bem como em algumas redes de ensino, essa progressão é garantida pela matrícula e promoção por idade; em outros, pela implantação de ciclos plurianuais, cuja duração pode variar de um sistema de ensino para outro;
- c) os objetivos a serem atingidos no final de cada ciclo precisam ser definidos, mas os alunos poderão seguir trajetórias diferenciadas no decorrer do ciclo, pois os ritmos e as necessidades de aprendizagem são diferentes para cada um ou para grupos de alunos;
- d) a avaliação classificatória (baseada em notas, classificação, aprovação ou reprovação) precisa ser substituída pela avaliação contínua e formativa. Os professores são orientados a utilizar as informações da avaliação para acompanhar a aprendizagem dos alunos (regulação) e planejar as intervenções necessárias (*feedback*);
- e) além da avaliação formativa, propõe-se a pedagogia diferenciada (para atender os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos dentro de uma mesma classe), a mudança dos métodos de ensino e o trabalho coletivo dos professores de um mesmo ciclo.

A ideia de relembrar estes princípios é importante porque muitos profissionais ainda confundem ou mesmo não compreendem o significado e tão pouco o objetivo da escola organizada em ciclos e por isso atrelam a esta proposta ao fato dos alunos “mais fracos” terem mais tempo para alcançar os demais alunos, quando na verdade a finalidade é ir além, ou seja, proporcionar um tempo maior para que ocorra a aprendizagem de todos, e que aliado a isso outras intervenções sejam feitas na classe e extraclasse para intervir no processo daqueles que não conseguem acompanhar o processo de ensino-aprendizagem antes de ocorrer uma possível reprovação.

Assim, é fundamental entender que a opção por aderir a este regime de trabalho, vem acompanhada de proposições de trabalho relativas a diferentes aspectos, tais como:

a organização da proposta de ensino, do currículo, concepção de conhecimento e teoria de aprendizagem que fundamentam o ciclo, processo de avaliação, recuperação e reforço, formação de turmas, dentre outros relativos à organização dos tempos e dos espaços escolares que envolvam os diferentes atores sociais afetados pelos ciclos (BARRETO, 1999; MITRULIS, 2001).

É este o trabalho que vem sendo feito em muitas escolas do Distrito Federal e demais estados brasileiros para implantação da escola organizada em ciclos em substituição a escola seriada, sendo que foi feito primeiramente nos anos iniciais do ensino fundamental com o BIA - Bloco Inicial de Alfabetização, tema que será discutido no próximo capítulo, e que atualmente pretende-se implantar nos demais anos do ensino fundamental e da semestralidade no ensino médio.

2. EDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL

2.1. APRESENTAÇÃO

O direito a educação garante a formação de crianças e adolescentes por meio do ensino fundamental, o qual é obrigatório e deve ser assegurado a todos, inclusive àqueles que não tiveram acesso na idade certa (Art.4, LDBEN). Além dessa garantia ao acesso a educação gratuita e de qualidade a todos os cidadãos brasileiros, outros avanços vem sendo conquistados em busca de uma educação de qualidade, como a instituição da Lei nº 11.114/2006 que determina a duração da educação de nove anos no ensino Fundamental.

É notório que um ano a mais na escola possibilita maior acesso a informação, qualificação dos estudantes em relação aos conteúdos e a própria formação cidadã. E, no Distrito Federal, o ensino fundamental de nove anos vem sendo implantado gradativamente, desde 2005, conforme mostra o quadro abaixo.

Quadro 2.1: Implantação do Ensino Fundamental de Nove anos no DF

ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS									
CRE	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO	5º ANO	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
Ceilândia	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Taguatinga	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Brazlândia Guará Samambaia	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Demais CRE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016

Fonte: Diretrizes Pedagógicas do BIA, 2012.

É nos anos iniciais do ensino fundamental, apresentados na tabela acima, que se desenvolvem as capacidades de leitura, escrita e cálculo, por meio da alfabetização e letramento, principalmente em língua portuguesa e matemática, além das demais áreas do conhecimento. No Distrito Federal o desenvolvimento destas habilidades ocorre, prioritariamente, no Bloco Inicial de Alfabetização-BIA, durante os três primeiros anos do ensino fundamental, e é sobre a organização do bloco de alfabetização que trata o item seguinte.

2.2. Organização dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Bloco Inicial de Alfabetização-BIA

O Bloco Inicial de Alfabetização foi implantado em 2005 juntamente com a ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos, inicialmente na Coordenação Regional de Ensino - CRE de Ceilândia e posteriormente nas demais CRE. Assim, a implantação do BIA nas unidades de ensino do Distrito Federal buscou, além de cumprir com a lei nº 11.274/2206, a reorganização do tempo e do espaço escolar em busca de qualidade no processo de alfabetização (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

Destarte, o BIA está organizado em ciclos de aprendizagem, o qual inicia-se no 1º ano, aos seis anos de idade e finaliza no 3º ano do ensino fundamental, aos oito anos de idade, período em que a criança deve ser alfabetizada em língua portuguesa e matemática, segundo a política do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa, implantado pelo atual governo brasileiro. No quadro a seguir podemos perceber a estrutura de organização do ensino fundamental de nove anos nas instituições de ensino do Distrito Federal, em que os três primeiros se caracterizam pela educação em ciclos, o BIA, e na escola seriada a partir do 4º ano, mas que está em fase de discussão e adesão das escolas para educação em ciclos nos demais anos desta modalidade de ensino.

Quadro 2.2: Organização do Ensino Fundamental de Nove anos no DF

ENSINO FUNDAMENTAL								
ANOS INICIAIS					ANOS FINAIS			
BIA								
1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano

Fonte: Diretrizes Pedagógicas da SEDF, 2009/2013.

Durante a permanência no BIA não há retenção dos alunos, já que os mesmos estão em processo de alfabetização e por ser assegurada aos estudantes neste período, a garantia de alfabetização e letramento de modo contínuo, considerando a complexidade deste processo nos primeiros anos da vida escolar. Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos (CNE, 2010) determinam que mesmo quando a instituição de ensino optar pelo regime de educação seriada é preciso garantir aos

estudantes que nestes três primeiros anos do ensino fundamental não haja interrupção, em função da necessidade de oportunizar os estudantes a sistematização e aprofundamento dos conhecimentos característicos desta etapa do ensino.

Segundo as Diretrizes Pedagógicas do BIA, o ciclo de alfabetização foi implantado nas escolas do Distrito Federal com a finalidade de modificar as concepções de ensino, aprendizagem e avaliação em busca de uma educação de qualidade e permanência na escola. Assim, a organização escolar sofreu diversas mudanças, dentre eles:

- 1° - O Trabalho Pedagógico: deve estar voltado para as necessidades de aprendizagem de todos os estudantes e com a garantia de um processo contínuo de aprendizagem.
- 2° - Progressão Continuada: os estudantes no bloco tem progressão do 1° ano para o 2° ano, e deste para o 3° ano; uma garantia de respeito aos tempos de desenvolvimento do estudante nos primeiros anos escolares.
- 3° - Retenção: só acontece ao final do ciclo, no 3° ano do BIA.
- 4° - Avaliação, Currículo, Metodologia e Formação dos Professores: requerem outras organizações e ações pedagógicas pautadas na construção e no fazer coletivo.

Assim, O ensino não fica restrito a transmissão de conteúdos e avaliações quantitativas ao final de cada bimestre. é possível perceber que a proposta do ciclo de alfabetização é caracterizada por uma organização de tempo e espaço de modo que oportunizem a todos os estudantes as aprendizagens significativas, em que a alfabetização e o letramento vai além da figura do professor, como mediador do conhecimento e orientador dos estudos, já que o estudante é o foco principal no ensino, em que o mesmo deve perceber e conseguir fazer relações entre o conhecimento apresentado e situações de seu cotidiano.

Para isso, o Bloco Inicial de Alfabetização dispõe ao professor diferentes estratégias de ensino a fim de ampliar as situações didáticas e garantir a todos os estudantes diversas formas para apropriação dos conteúdos, denominados de princípios teórico-metodológicos do BIA, os quais são:

- I- Princípio da Formação Continuada
- II- Princípio do Reagrupamento
- III- Princípio do Projeto Interventivo
- IV- Princípio da Avaliação Formativa
- V- Princípio do Ensino da Língua.

Dentre estes princípios, destaca-se o Reagrupamento, em função de ser este o objeto de estudo desta pesquisa, embora todos eles sejam importantes e carregados de significados para a prática docente, tendo em vista que a formação continuada é cada vez mais importante em função da necessidade de atualização dos conhecimentos já adquiridos e da qualidade do trabalho, assim como a avaliação formativa, em que é possível verificar os próprios erros e buscar o aperfeiçoamento, e também os projetos interventivos os quais se destacam como outra importante ferramenta didática de suporte a prática docente.

2.3. A importância do Reagrupamento

No processo de ensino-aprendizagem diversos autores (Cruz e Albuquerque, 2007), Leal (2004) e MORAES (2006), dentre outros, destacam a importância da utilização em sala de aula de metodologias variadas capazes de instrumentalizar a prática docente, de tal modo que os professores possam promover um equilíbrio entre atividades mais dirigidas e o uso de tarefas diferenciadas de acordo com o grau de apropriação e de aprendizagem dos alunos (MAINARDES, 2008).

Deste modo, destacamos a importância do reagrupamento como uma das estratégias pedagógicas disponíveis para possibilitar e viabilizar a intervenção do professor no processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos da turma e/ou da escola em busca da progressão da aprendizagem dos estudantes.

O reagrupamento consiste na organização do trabalho pedagógico em grupos para atender as necessidades individuais, da turma e também de toda a unidade escolar, rompendo com as barreiras do modelo de educação seriada. Assim, de acordo com as diretrizes pedagógicas do BIA (2012, p 59),

o reagrupamento é um princípio do BIA que se efetiva como uma estratégia de trabalho em grupo, que atende a todos os estudantes. É uma estratégia pedagógica que permite o avanço contínuo das aprendizagens, a partir da produção de conhecimentos que contemplem as possibilidades e necessidades de cada estudante, durante todo o ano letivo.

Para Mainardes (2008), o ponto de partida para o início de um trabalho docente com atividades diversificadas poderia ser o diagnóstico do nível de desenvolvimento dos alunos,

geralmente realizado pelo professor logo no começo no ano letivo, em que se observam aquilo que os alunos são capazes de fazer autonomamente e aquilo que podem fazer com ajuda, em seguida fazer a identificação dos grupos com necessidades comuns e posteriormente, o planejamento de tarefas adequadas a esses grupos.

Diante disto, é possível que o professor tenha uma atenção diferenciada em relação a cada estudante, de tal modo que as aprendizagens sejam significativas e alcance a todos os alunos, porém por meio de estratégias didáticas diferentes. Além disso, o trabalho com reagrupamento permite que o processo de avaliação também seja diversificado, em função das diferentes realidades apresentadas em sala.

Na prática será possível perceber que até mesmo as crianças mais difíceis em termos de comportamento estarão mais envolvidas com as lições de sala, já que as atividades serão elaboradas para atender a necessidade de cada aluno ou de um grupo de alunos, que podem interagir, trocar conhecimento, ajudar o colega e avançar em suas potencialidades. Isto se comprova porque segundo Perrenoud (2006) trata-se de uma pedagogia diferenciada, ou seja, o reagrupamento não busca a homogeneidade de aprendizagens, mas a diferenciação e individualização de ações voltadas para as necessidades reais do estudante (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

Além disso, diversas pesquisas que investigaram o aspecto qualitativo das experiências de aprendizagem forneceram evidências de que a mesma está relacionada ao grau de adequação entre a tarefa proposta e o nível de conhecimento do aluno. Por isso, quando as tarefas de sala estão muito acima ou muito abaixo da capacidade do aluno, o progresso da aprendizagem pode ser afetado. E, este problema pode ser ainda maior quando as atividades propostas estão sempre acima do nível dos alunos, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem não ocorra ou ocorra muito lentamente (BENNETT *et al*, 1984; BENNETT, 1992 *apud* MAINARDES, 2008).

Por isso, as diretrizes pedagógicas do BIA (2012) destacam a importância do planejamento dos tempos e espaços da escola para a realização dos reagrupamentos, além da organização dos conteúdos e atividades específicas que sejam capazes de atender as necessidades individuais de aprendizagem de cada estudante, e que estas sejam

enriquecedoras do conhecimento e promovam aprendizagens significativas. Outro aspecto relevante é contemplar além dos conhecimentos em língua portuguesa, àqueles relativos à matemática, uma vez que esta última disciplina deve estar presente em todos os momentos do processo de alfabetização.

Cabe ressaltar que todas as estratégias utilizadas pelo professor alfabetizador devem ser registradas em seu diário de classe, não apenas para fim de registro, mas também para acompanhamento pedagógico da unidade de ensino e como suporte para o próprio professor em seu planejamento diário e coletivo, em função da auto-avaliação que o registro que lhe permite.

O princípio do reagrupamento possui duas características distintas, por isso a denominação de reagrupamento intraclasse e reagrupamento interclasse, como apresenta os itens a seguir.

2.3.1. Reagrupamento Intraclasse

Segundo as Diretrizes Pedagógicas do BIA (2012), trata-se de uma estratégia pedagógica que envolve todos os alunos de uma mesma turma, agrupados de acordo com as dificuldades de aprendizagem, em que o professor deve assegurar o atendimento dos diferentes grupos da sala e não apenas aos estudantes com atrasos de aprendizagem.

É importante ressaltar que a idéia do reagrupamento não consiste em homogeneizar a turma, mas propor um trabalho que combine metodologias variadas de ensino, e que assim é possível intervir no processo de aprendizagem dos alunos de modo que os estudantes tenham acesso a tarefas ao seu nível de aprendizagem, e também àquelas dirigidas pelo professor.

Além disso, Mainardes (2009) destaque que a simples diferenciação das atividades não pode pressupor a progressão dos alunos, pois é a mediação do professor e a interação com os colegas mais capazes o fator primordial para que a aprendizagem aconteça. Assim, é preciso compreender que a movimentação e a conversa dos estudantes na sala de aula são comuns quando se adota o trabalho em grupos e que cabe ao professor o papel de orientar, observar e

redefinir o trabalho sempre que for necessário, em que a postura do professor é também a de pesquisador, capaz de redefinir suas ações em função dos resultados alcançados. (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

2.3.2. Reagrupamento Interclasse

Nesta modalidade de reagrupamento, a diferenciação é basicamente a possibilidade de agrupar estudantes e professores de um mesmo ano ou entre anos diferentes do Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, existe a possibilidade de intercâmbio entre as turmas no próprio turno de estudo e envolve todos os alunos da sala. Além disso, o planejamento e o papel do professor são mais uma vez questão de destaque já que é preciso considerar as potencialidades, habilidades, formação, e anseios do professor em trabalhar com cada grau de aprendizagem, e contemplar os objetivos e intenções coletivos no planejamento desta estratégia de ensino (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012).

Entretanto, a fonte supracitada destaca que é necessária cautela para evitar que a formação de grupos reforce as dificuldades já existentes e favoreçam a exclusão interna de alunos e a própria estratificação na sala de aula. Isto porque, segundo Mainardes (2008), a diferenciação vai além do componente cognitivo, pois também envolve processos afetivos dos alunos, como por exemplo, a auto-estima, a imagem positiva de si, o reconhecimento da capacidade de aprender, a vontade de aprender e de vir para a escola, uma vez que os próprios alunos poderão perceber que estão avançando na sua aprendizagem.

Embora existam duas modalidades de reagrupamentos distintos, é possível notar características comuns, como:

- ✓ As intervenções pedagógicas não devem ser as mesmas do contexto diário de sala de aula. Os eixos ludicidade, alfabetização e letramentos deverão ser contemplados.
- ✓ Todos os professores da unidade escolar, incluindo coordenadores pedagógicos e equipe da direção, devem estar envolvidos neste trabalho.
- ✓ A participação do coletivo de professores permite outros olhares sobre os estudantes que poderão contribuir para a avaliação e o planejamento de estratégias adequadas ao reagrupamento interclasse. Além disso, o maior número de profissionais envolvidos contribui para a formação de grupos com número menor de estudantes.

✓ Os reagrupamentos devem apresentar as seguintes características: flexibilidade, dinamicidade e diversidade.

✓ O período de realização sugerido é de duas vezes por semana. Caso haja necessidade, deverá ser realizadas mais vezes, conforme planejamento da equipe escolar. A sistematização do trabalho é que trará os resultados esperados.

✓ As atividades do reagrupamento devem ser registradas no diário de classe, conforme orientações nele constantes, em fichas encaminhadas pela SEDF. No registro devem ser relacionados os objetivos e procedimentos adotados para o seu alcance com cada grupo de alunos.

✓ Faz-se necessário investimento na priorização da continuidade dos reagrupamentos para que os resultados sejam alcançados (DIRETRIZES PEDAGÓGICAS DO BIA, 2012, p. 63).

Diante disso, ressalta-se a importância do reagrupamento como estratégia didática de apoio a prática docente capaz de promover a progressão da aprendizagem dos alunos, desde que seja adotada a modalidade adequada para cada aluno ou turma, a partir de um diagnóstico e planejamento prévio das tarefas a serem realizadas, e que o professor esteja sempre atento para orientar e mediar os trabalhos nos diferentes grupos.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo de pesquisa

A pesquisa será desenvolvida mediante a utilização do método de abordagem hipotético-dedutivo, ou seja, iniciará a construção a partir de uma hipótese que orientou a formulação dos objetivos a serem alcançados no decorrer da pesquisa. O processo de investigação empregado será o descritivo, pois não haverá a manipulação do fenômeno somente a observação do mesmo. E a técnica a ser empregada acontecerá primeiramente de forma indireta através de estudos documentais e bibliográficos e posteriormente de maneira direta mediante coleta de dados em campo (YAMASHITA; CRUZ, 2009).

A estrutura metodológica do presente trabalho consiste em diferentes etapas, as quais são detalhadas a seguir e ilustradas na figura 3.1.

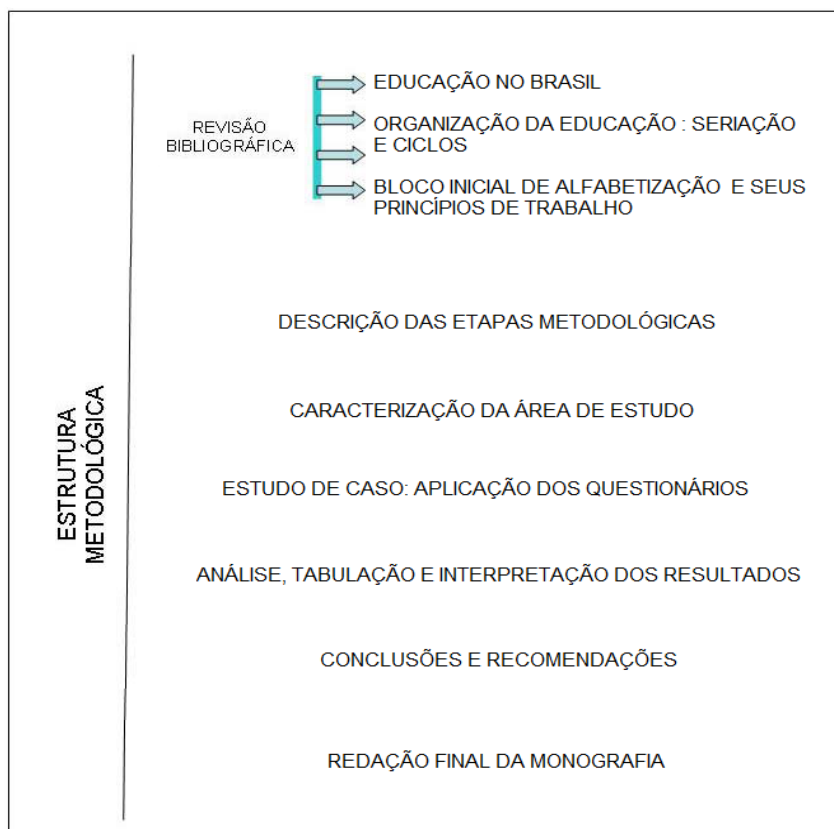


Figura 3.1: Descrição das Etapas Metodológicas

1ª Etapa: Revisão Bibliográfica: consiste em um sucinto estudo sobre a Educação no Brasil e suas respectivas organizações em seriação e em ciclos, levantamento sobre os princípios

pedagógicos do BIA – Bloco Inicial de Alfabetização, entre elas o princípio do reagrupamento, o qual consiste no objeto de estudo deste trabalho.

2ª Etapa: Proposta metodológica: consiste na descrição da metodologia (etapas, procedimentos, formulação, pesquisas).

3ª Etapa: Caracterização da área de Estudo e dos sujeitos da pesquisa: Consiste em levantar informações sobre a Escola Classe selecionada do Paranoá DF, bem como sobre a comunidade escolar na qual está inserida.

4ª Etapa: Estudo de caso: consiste na coleta de dados, por meio da elaboração do questionário, o qual será aplicado junto aos professores da unidade de ensino selecionada para a pesquisa de campo, em função da disponibilidade de informação e interesse em participação no trabalho.

5ª Etapa: Análise dos resultados: análise, tabulação e interpretação dos dados.

6ª Etapa: Conclusões e Recomendações: consiste na retomada dos objetivos propostos inicialmente a fim de se saber se foram alcançados.

7ª Etapa: Redação da Monografia: redação final da monografia.

3.2. Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida numa Escola Classe situada na área urbana do Paranoá, cuja entidade mantenedora é a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF, juntamente com a equipe de professores que atuam no Bloco Inicial de Alfabetização no presente ano de 2014. Atualmente, a demanda de alunos desta escola são de estudantes oriundos do Paranoá, Itapoã chácaras e condomínios vizinhos.

Esta escola atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de nove anos, na perspectiva da educação inclusiva, organizada em 44 turmas, sendo 22 no turno matutino e outras 22 no turno vespertino, em que segundo dados da secretaria da própria escola, a maior parte dos 1167 alunos que ali estudam residem nas adjacências da escola e, principalmente, no Itapoã-DF. Dentre as 44 turmas atendidas pela escola, 27 compõem o Bloco Inicial de Alfabetização – BIA, 01 turma de Distorção Idade/Série e 16 turmas de 4º e 5º ano, sendo que para a verificação da importância do reagrupamento nos anos iniciais de alfabetização, objeto

de pesquisa deste trabalho foi aplicado os questionários apenas com os professores regentes em turmas do 1º ao 3º do BIA.

3.3. Instrumento de coleta de dados

Para verificar como os professores dos anos iniciais da alfabetização consideram ou não importante a utilização da estratégia didática do reagrupamento foi elaborado um questionário misto com perguntas objetivas, cujas respostas deveriam ser “sim” ou “não”, com campo específico para justificativas, quando o participante julgar necessário; perguntas subjetivas em que o participante exemplifica e fundamenta suas opiniões; e principalmente, por questões em que as respostas avaliam o grau de importância do reagrupamento na prática docente.

Para o caso em que as questões avaliam o nível de importância do reagrupamento foi utilizado Escala de Likert, a qual contém cinco níveis, do mais positivo (5) para o mais negativo (1). Esta escala é um tipo de resposta psicométrica e comumente utilizada em questionários em que o objetivo é atribuir um valor numérico às características das pessoas, ou a questões subjetivas, em que estão envolvidas as opiniões, preferências e necessidades das pessoas (BERTRAM, 2009).

Destarte, além dos demais aspectos considerados nas questões do tipo sim ou não e naquelas subjetivas, ao responder um questionário baseado na escala Likert fica claro o grau de importância ou não de determinado aspecto da pesquisa, e como os questionamentos, são de modo geral relacionados a aspectos qualitativos, a adoção desta escala mostra-se apropriada. Logo, a importância do reagrupamento é avaliada, principalmente, em função do grau de relevância obtida com notas de 1 a 5, em que:

1. Irrelevante
2. Pouco relevante
3. Relevante
4. Muito Relevante
5. Extremamente relevante

O questionário elaborado para a coleta de dados consta em anexo e, as respostas obtidas por meio dele constam no item seguinte.

3.4. Análise dos dados

Antes de aplicar os questionários com os professores alfabetizadores da Escola Classe participante da pesquisa, foi feito um breve diálogo com os professores a respeito do trabalho e sobre a forma de responder as questões propostas pelo mesmo. Foi apresentado primeiramente ao grupo dos professores no turno matutino e, no mesmo dia no turno vespertino, sendo que ambos os casos ocorreram na segunda semana de junho de 2014.

Das 27 turmas do Bloco Inicial de Alfabetização - BIA existentes, apenas 03 professores não participaram da pesquisa em função de estarem afastados por diferentes motivos e 01 não devolveu o questionário após o período estipulado para resposta, o qual foi de um dia. Assim, verifica-se a participação efetiva do grupo de professores com o objeto da pesquisa, o qual apresentou diferentes opiniões em relação a importância do reagrupamento, como já era esperado em função numerosa quantidade de turmas de alfabetização nesta escola e também em função da heterogeneidade de opiniões da equipe docente.

Ao analisar cada item do questionário, em que o primeiro consiste em saber se todos os participantes tinham conhecimento sobre o funcionamento do reagrupamento, todos responderam que “sim”, ou seja, todos os membros do BIA desta unidade de ensino têm conhecimento sobre o princípio metodológico do reagrupamento, o que é ótimo e só fortalece o processo de ensino-aprendizagem daqueles que além de conhecê-lo, também o praticam, seja na modalidade intraclasse ou interclasse.

E foi sobre esse tema que a segunda questão abordou, já que não basta conhecer se na prática não adotamos estas estratégias de ensino. Com isso, a maioria dos participantes responderam “sim” quando questionado sobre a realização de algum tipo de reagrupamento em sua prática docente e apenas 01, dos 23 participantes da pesquisa disse nunca ter realizado nenhum tipo de reagrupamento, o que foi justificado pelo início na carreira docente no ano de 2014. Destaca-se aqui a relevância do campo para justificativa das respostas dos participante, a

fim de não gerar interpretações indevidas a respeito daqueles que ainda não adotam o princípio teórico-metodológico do reagrupamento em prática na sala de aula.

Isso também reforça a idéia de que não basta simplesmente formar grupos em sala de aula e fazer tarefas diferentes, é necessário que haja um planejamento coletivo e estratégico para que as intervenções pedagógicas sejam significativas e alcance os objetivos, conforme orientações das Diretrizes Pedagógicas do BIA, 2012.

Já quando os participantes da pesquisa foram questionados sobre a preferência em relação aos tipos de reagrupamento (intraclasse ou interclasse), a figura a seguir mostra que a maioria absoluta dos participantes (com 16 votos), prefere realizar o reagrupamento intraclasse, em contrapartida, apenas 01 participante prefere realizar os dois tipos de reagrupamento, enquanto 01 não soube avaliar a preferência pelo tipo de reagrupamento e apenas 05 preferiram o reagrupamento interclasse.

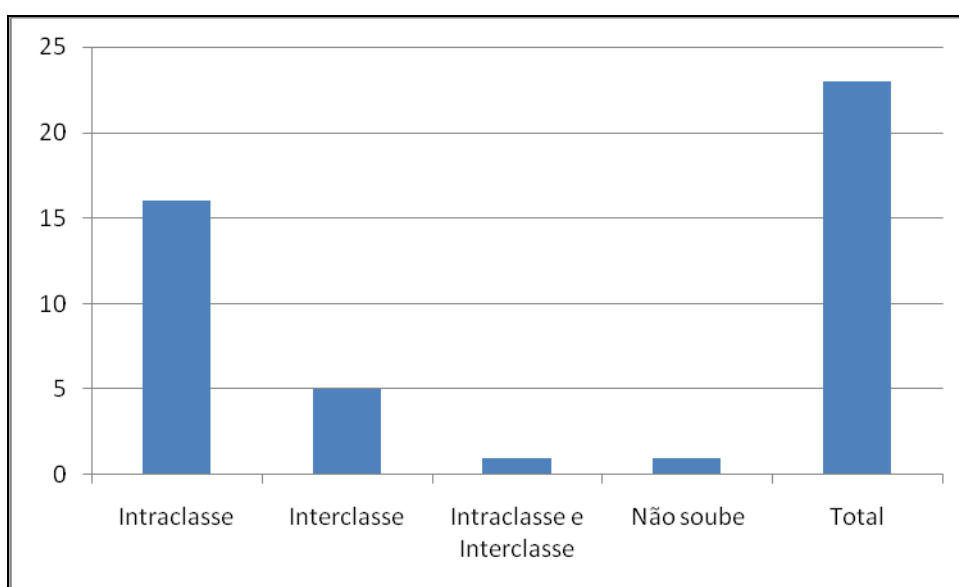


Figura 3.2: Preferência por Modalidade de Reagrupamento

É compreensível a preferência pela modalidade de reagrupamento intraclasse, tendo em vista que este depende, prioritariamente, da figura do professor regente de cada turma e do planejamento e organização do seu trabalho, como ressalta as Diretrizes Pedagógicas do BIA, em que as intervenções pedagógicas no reagrupamento intraclasse, são definidas pelo docente,

durante o planejamento e de acordo com a avaliação diagnóstica que irão definir os objetivos a serem alcançados.

Assim, nas justificativas pela preferência de modalidade de reagrupamento intraclasse e/ou interclasse, os professores acreditam que por já conhecer seus alunos e suas respectivas dificuldades de aprendizagem, o trabalho é mais significativo e apresenta melhores resultados. Além disso, houve professores que salientaram a experiência “pouco significativa” vivenciada por determinadas turmas que participaram do reagrupamento interclasse, em função de problemas de comportamento, salas de aula suplotadas, e a falta de motivação de determinados grupos formados em função dos níveis de aprendizagem.

Já no questionamento a respeito da realização do reagrupamento no presente ano letivo de 2014, apenas quatro turmas não está realizando nenhum tipo de reagrupamento, enquanto 19 turmas estão envolvidas no reagrupamento, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 3.1: Realização de Reagrupamentos em 2014

Quantidade de turmas		Modalidade de reagrupamento	
Sim	20	Interclasse	2
Não	4	Intraclasse	12
Total Geral	23	Intraclasse e Interclasse	5
		Nenhum	4

Embora, haja turmas que não estão realizando nenhum tipo de reagrupamento, isto não quer dizer que o professor não esteja buscando outros meios para alcançar o progresso de todos os alunos, já que além dos reagrupamentos existem outras ações que podem ser utilizadas para elevar o nível de apropriação do conhecimento, como por exemplo:

a) a utilização de estratégias de ensino explícito, b) o oferecimento de mediação mais intensa para alguns alunos (por exemplo, a leitura partilhada, a produção de textos em parceria); c) a utilização das informações obtidas pela avaliação da aprendizagem para o planejamento do feedback necessário para cada aluno ou grupo de alunos, entre outras (MAINARDES, 2008, p. 132).

Deste modo, é preciso compreender o motivo para não adesão a estratégia de trabalho docente com reagrupamento, e para esse fim os itens 5 e 6 tinham por finalidade fazer um

levantamento dos aspectos positivos e dos desafios de trabalhar com reagrupamento, os quais são apresentados a seguir:

Aspectos Positivos

- ✓ Interação com outros alunos e professores (a troca de experiências);
- ✓ Aplicação de atividades diferenciadas de acordo com o nível de aprendizagem de cada aluno;
- ✓ O desenvolvimento dos alunos em relação ao processo de ensino-aprendizagem;
- ✓ Trabalho focado nas necessidades específicas de aprendizagem;
- ✓ O interesse e envolvimento dos alunos, já que as atividades estão de acordo com o seu grau de aprendizagem;
- ✓ Melhoria da auto-estima, já que os alunos conseguem realizar as atividades propostas por nível de aprendizagem;
- ✓ O avanço contínuo da capacidade de aprendizagem dos alunos;
- ✓ Possibilidade de maior interação com o professor e com os colegas de grupo (a participação efetiva dos estudantes durante a aula);
- ✓ Aprimoramento das potencialidades de cada aluno;
- ✓ A retomada de conteúdos não compreendidos pelo aluno e/ou pela turma;
- ✓ Maior atenção com os alunos com maior defasagem no processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que estes aspectos foram em sua totalidade informados pelos participantes da pesquisa, assim como os desafios que também dificultam a prática do trabalho com reagrupamento, principalmente daqueles que se comprometem com a realização desta estratégia pedagógica. Entretanto, ao analisar os aspectos positivos, destacamos a fala de Libâneo (2006), quando ele afirma que:

O aluno aprende na escola quando os outros, inclusive a professora e o próprio contexto institucional e sociocultural, o ajudam a desenvolver suas capacidades mentais, com base nos conhecimentos, habilidades, modos de viver, já existentes na ciência e na cultura historicamente acumulada. Isso não é, de forma alguma, espontâneo, nem depende somente do ritmo de aprendizagem de cada aluno. Depende de uma estrutura organizacional forte, da atuação da escola e dos professores como adultos que realizam a mediação cultural; depende de que suscitem nos alunos o desejo de aprender, de serem melhores pessoas, de compreender melhor as coisas (p. 92).

Logo, percebe-se a importância do papel do professor, das mediações entre o conhecimento e os sujeitos, bem como da troca de experiências entre professor/aluno e aluno/aluno, proporcionadas pela adesão de diferentes tarefas em sala, de acordo com o grau de aprendizagem dos alunos, embora isto não elimine o aparecimento de diferentes desafios

ao trabalhar com o reagrupamento, como por exemplo, os listados abaixo pelos participantes desta pesquisa.

Desafios de trabalhar com o reagrupamento

- ✓ Exige paciência e dedicação;
- ✓ Elaborar tarefas diferenciadas;
- ✓ Falta de interesse e adesão de alguns professores;
- ✓ Elevado número de alunos em sala;
- ✓ Falta de compromisso e responsabilidade entre os colegas de profissão;
- ✓ Atender a diferentes níveis de aprendizagens em turmas superlotadas;
- ✓ Indisciplina dos alunos;
- ✓ Desinteresse dos estudantes;
- ✓ Interação entre os professores envolvidos (relação interpessoal);
- ✓ Manter o foco da aprendizagem em todos os grupos;
- ✓ A descontinuidade das aulas e dos conteúdos;
- ✓ O período de adaptação dos alunos e professores;
- ✓ O trabalho de pesquisa constante;
- ✓ Planejamento com objetivo de atender as potencialidades e fragilidades de cada aluno e/ou grupo de alunos;
- ✓ Falta de espaço físico para realização de atividades diferenciadas e lúdicas;
- ✓ Elaboração de atividades diversificadas;
- ✓ Falta de recursos humanos;
- ✓ Alcançar bons resultados com a turma muito cheia;
- ✓ Comprometido de todo o grupo.

Estes desafios não são exclusivos a prática do trabalho com reagrupamento, uma vez que muitos dos itens apontados na lista anterior, também apareceram em pesquisa sobre os entraves que dificultam as aprendizagens nos anos iniciais do ensino fundamental por Pereira, Prince e Bernardes (2007), em que as mesmas concluem que:

Interação escola-comunidade, trabalho em equipe, gestores comprometidos com a questão pedagógica da escola, professores bem preparados, com domínio de conteúdos e valorizados profissionalmente são requisitos primordiais para uma educação de qualidade (p. 3).

Diante do exposto, quando questionado sobre a importância da realização do reagrupamento nos anos iniciais da alfabetização, em que foi utilizada a escala de Likert para medir o grau de relevância da utilização desta estratégia, os dados apresentados na tabela abaixo, obtidos da a partir das respostas dos professores, mostra que a maioria da categoria considera relevante, muito relevante e extremamente relevante, respectivamente, a utilização da estratégia de reagrupamento no BIA.

Tabela 3.2: Importância do Reagrupamento nos Anos Iniciais da Alfabetização

Grau de relevância (notas)	Opinião dos participantes (quantidade)	%
1	0	0%
2	0	0%
3	10	43,50%
4	6	26,08%
5	6	26,08%
Nenhum	1	4,34%
Total de participantes= 23		100,00%

Outra questão importante e que merece destaque é a avaliação dos resultados em relação ao progresso na aprendizagem quando o professor faz uso do reagrupamento na alfabetização dos seus alunos, pois as maiorias dos participantes o consideram relevante, muito relevante e extremamente relevante, respectivamente, conforme os dados apresentados na tabela abaixo, exceto na avaliação de um participante que considerou o resultado pouco relevante, em função da falta de comprometimento de todos os envolvidos e da superlotação das turmas.

Destarte, Mainardes (2008) afirma que a instauração de intervenção pedagógica, seja por meio de reagrupamento ou de outras modalidades existentes, é relevante não apenas porque garante a todos os alunos com diferentes ritmos de aprendizagem a apropriação dos conhecimentos, mas também porque tem implicações no trabalho de todos os que atuam direta ou indiretamente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Logo, a tabela a seguir apresenta as diferentes opiniões dos participantes desta pesquisa em relação aos resultados do reagrupamento como estratégia didática utilizada nos anos iniciais do ensino fundamental.

Tabela 3.3: Avaliação dos Resultados do Reagrupamento no Processo de Alfabetização

Grau de relevância (notas)	1	2	3	4	5
Opinião dos participantes (quantidade)	0	1	12	6	4
%	0	4,34%	52,17%	26,09%	17,40%
Total de participantes= 23					

Por fim, a partir das respostas obtidas com os participantes desta pesquisa é possível perceber que a maior parte dos professores dos anos iniciais do Bloco Inicial de Alfabetização tem conhecimento sobre o tema e confirma a importância do uso do reagrupamento como estratégia pedagógica de suporte ao trabalho docente para o avanço no processo de aprendizagem de todos os alunos, em especial daqueles que estão com déficit na aprendizagem, o que ressalta a necessidade da participação de todos os professores da unidade escolar, incluindo os coordenadores e a gestão escolar, a fim de permitir diferentes olhares sobre os estudantes, além de contribuir para a avaliação e planejamento das estratégias adequadas a cada modalidade de reagrupamento, e evitar a formação de grupos interclasse com excessivo número de alunos, como orienta as Diretrizes Pedagógicas do BIA (2012), e conseqüentemente superar os desafios apontados para trabalhar com o reagrupamento.

CONCLUSÃO

Inicialmente foi necessário discutir sobre a estrutura de organização da educação no Brasil, a fim de retomarmos informações básicas a respeito de como ela funciona, quando se inicia e quais as respectivas etapas que constituem esta atividade tão importante do nosso cotidiano. Assim foi possível conhecer as características básicas de cada modelo de educação, seja em séries ou em ciclos, para então analisarmos a coexistência das duas modalidades de organização de ensino no Distrito Federal, que atualmente apresenta a organização em Ciclos (nos anos iniciais da alfabetização – 1º ao 3º ano do ensino fundamental) e a organização da escola seriada a partir do 4º ano do ensino fundamental.

É na proposta de educação em ciclos que consta o princípio teórico-metodológico do reagrupamento como estratégia didática de apoio ao docente em busca de oportunizar a todos os alunos a progressão na aprendizagem, embora esta ferramenta também possa ser utilizada na educação em séries, como vem sendo feito em diferentes unidades de ensino da capital federal e não seja a única forma de proporcionar um ensino de qualidade a todos.

Destarte, com esta pesquisa foi possível confirmar a importância da utilização desta estratégia de ensino nos anos iniciais da alfabetização, por meio da participação de profissionais da educação que atualmente atuam com este grupo de alunos, e apresentaram diferentes aspectos positivos de trabalhar com o reagrupamento, assim como os diversos desafios ao adotá-lo em sua prática docente.

Por fim, tais desafios não superam as avaliações feitas pelos participantes em relação aos resultados obtidos quanto ao progresso nas aprendizagens, em que estes mais uma vez confirmaram a importância da utilização desta estratégia pedagógica de ensino, bem como ressalta a necessidade de integração de toda a comunidade escolar em busca da apropriação do conhecimento, e conseqüentemente de uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, E. S. de S.; MITRULIS, E. **Os ciclos escolares: elementos de uma trajetória.** Cadernos de Pesquisa, Cadernos de Pesquisa São Paulo, n. 108, p. 27-48, nov. 1999.

_____. **Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país.** Estudos Avançados, v. 15, n. 42, p. vançados 103-140, maio/ago. 2001.

BERTRAM, D. (2009). **Likert Scales.** Topic Report, The Faculty of Mathematics – University of Belgrade – Serbia, 2009.

BRASIL. MEC/SEB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 9.394/96. Brasília, 1996.

_____. **Lei 11.114 de 16 de maio de 2005.** Altera os artigos 6º, 30, 32 e 87 da LDB, com o objetivo de tornar obrigatório o início do Ensino Fundamental de 6 anos.

_____. **Lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Ministérios das Comunicações, 1988.

CRUZ, M. do C. S.; ALBUQUERQUE, E.B.C. de. **Apropriação da escrita alfabética: é possível alfabetizar letrando aos seis anos?** Trabalho apresentado no 16º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, 2007.

LEAL, T.F. A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: por que é importante sistematizar o ensino? In: ALBUQUERQUE, E.B. C. de; LEAL, T.F. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 77-116.

LIBÂNEO, J. C. **Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens?** In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. (orgs.). Políticas de currículo em múltiplos contextos. São Paulo: Cortez, 2006, p. 70-125.

MAINARDES, J. **Reinterpretando os Ciclos de Aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Escola em ciclos, processos de aprendizagem e intervenções pedagógicas: algumas reflexões.** In: FETZNER, A. R. (Org.). Ciclos em revista. v. 3. Rio de Janeiro: WAK, 2008. p. 118-139.

_____. **A Escola em Ciclos: fundamentos e debates.** São Paulo: Cortez, 2009.

MORAES, D. A. **As práticas de alfabetização de professoras da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e a formação de crianças alfabetizadas e letradas.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

PERRENOUD, P. **Os ciclos de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. 2008. **Diretrizes Pedagógicas 2009/2013. SEDF.**

_____. 2012. **Diretrizes de Pedagógicas do Bloco Inicial de Alfabetização.** 2ª ed. Brasília, SEDF/SUBEB.

SILVA, A. R. DA. **Metodologia para avaliação e distribuição de recursos para o transporte escolar rural.** Tese (Doutorado em Transportes). Universidade de Brasília, 2009.

APÊNDICE A-QUESTIONÁRIO



Universidade de Brasília

Ministério da Educação
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
Centro de Formação Continuada de Professores
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Especialização em Gestão Escolar

Escola:	
Nome:	Cargo:
Série/ano:	

QUESTIONÁRIO

1. Você tem conhecimento sobre o funcionamento do Reagrupamento?

() sim

() não

2. Você já realizou algum tipo de reagrupamento (intraclasse e/ou interclasse)?

() sim

() não

3. Você tem preferência por algum tipo de reagrupamento?

() Intraclasse

() Interclasse

Porquê _____

4. Este ano, você está realizando algum tipo de reagrupamento?

() sim. Qual _____

() não

5. Quais os aspectos positivos de trabalhar com o reagrupamento?

6. Quais os maiores desafios de trabalhar com o reagrupamento?

Observação: Ao responder as questões abaixo, utilizem apenas a nota de 1 a 5, em função do grau de importância que o item apresenta.

A escala apresentada tem o seguinte significado:

- 1) Irrelevante
- 2) Pouco relevante
- 3) Relevante
- 4) Muito relevante
- 5) Extremamente relevante

7. Qual a importância do reagrupamento nos anos iniciais da alfabetização?

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5

8. Em relação aos resultados do reagrupamento, como você o avalia:

() 1

() 2

() 3

() 4

() 5